

O doloroso crescimento dos pais

ABRÃO SLAVUTZKY*

A história do ser humano pode ser escrita sob o signo de suas separações e perdas. Já no nascimento, o bebê é separado do corpo materno, sua primeira morada. Depois apartam-lhe o seio, os primeiros passos lhe privam o colo, e assim segue a vida. Para galgar um degrau é preciso deixar outro para atrás. A subida, o crescimento, se é uma conquista, é também dor, na medida em que implica um trabalho de luto, e se sabe quão penosa é essa elaboração da perda. Com o tempo, contudo, a frustração tende a abrandar-se, e as perdas vão sendo aceitas, quando não compensadas com vitórias.

Conforme os filhos crescem, também os pais são pressionados a crescer, pois as exigências passam a ser maiores. Pais amorosos e modelares podem enfrentar especial decepção no momento inelutável em que percebem já não ser idealizados pelos filhos e, pois, veem seu poder e influência reduzidos. Quando as crianças deixam de confinar seu amor aos progenitores, estendendo-o também a tios, professores, coleguinhas de escola, as relações familiares se transformam. Tudo aos poucos se torna mais complexo, sobretudo com o advento da adolescência, período em que os questionamentos se intensificam.

O doloroso crescimento dos pais pode, grosso modo, trilhar uma de duas vias principais. Uma é aquela em que predominam a dor, as queixas contra os filhos, a nostalgia de quando eram pequenos e dominados. Esse é um caminho melancólico, repleto de sofrimentos para toda a família, que fica mais regressiva ante a nítida

Aprender a aceitar o transcurso do tempo exige ponderar que tudo um dia termina

resistência dos pais em aceitar a passagem do tempo. A outra via se abre quando os pais aceitam crescer com os filhos, sendo capazes de inculcar em todos o sentimento de segurança, mesmo num mundo inseguro.

Aceitar que tudo é efêmero, transitório, pode parecer fácil, quando na verdade não é. Uma

história nos serve de ilustração: um casal de americanos viajava para a cidade do Cairo em busca de um famoso sábio. Após vários dias de procura, encontram-no enfim numa pequena sala, adornada com poucos objetos, onde vivia humildemente. O casal passeia os olhos por tudo e, decepcionado, pergunta ao homem se aquilo era tudo que possuía. O sábio contempla os visitantes. Ao cabo de alguns minutos constrangedores, pergunta-lhes enfim onde estavam as coisas deles. O casal lhe explica então que eram apenas turistas, que ali estavam só de passagem. O sábio então conclui dizendo: "Vocês estão de passagem, e eu também".

Aprender a aceitar o transcurso do tempo exige ponderar que tudo um dia termina, mas vivenciar perdas é tarefa árdua. Mania de psicanalista, pergunto-me agora por que escrevi este artigo e descubro que não foi apenas o doloroso processo de crescimento dos pais, mas de todos nós. Nos últimos meses, tenho experimentado a dor da separação que comigo compartilha a legião de leitores, amigos e familiares do escritor Moacyr Scliar. Sorte nossa poder preencher o vazio de sua ausência com uma obra que nos alenta a ser e a crescer.

*Psicanalista